

O SINCRETISMO NEGATIVO COMO SINTOMA DA *DÉCADENCE-RELIGION* DE NIETZSCHE

RAPHAEL SANTOS LAPA. Graduando na Universidade de Brasília | UnB
E-mail: raphaelclarinete@yahoo.com.br

Resumo: *Um processo sincrético que negativiza a ontologia alheia é o que sumariamente será defendido no presente artigo como parte conseqüente de uma religião decadente, segundo o conceito apresentado por Nietzsche em O Anticristo. A compreensão de uma crítica à formação cultural do Ocidente perpassa necessariamente por um caminho de crítica à moral cristã na contextualização da pesquisa genealógica nietzscheana. De tal forma, o caminho trilhado aqui será o de apresentação do cristianismo e sua tentativa de universalização - em contraposição ao budismo e judaísmo - assim como sua conseqüência sintomática: o sincretismo, que em seu processo de assimilação dialético, negativiza a alteridade de valores não-decadentes.*

Palavras-chave: Nietzsche, sincretismo, cristianismo, judaísmo

A *décadence*-religion

Os valores do homem moderno, em Nietzsche, não passam de *décadence*: “Eu entendo a deterioração, já se nota, no sentido de *décadence*: meu argumento é que todos os valores que agora resumem o desiderato supremo da humanidade são *valores de décadence*.”¹ Sendo assim, a caracterização da referida definição de acordo com a sua utilização nesse texto deve ser antes explicitado. O sentido do termo nietzscheano aqui utilizado segue aquele expresso por Osvaldo Giacóia Jr.:

Décadence deve ser entendida como processo de degeneração, dissolução anárquica de uma concreção vital, cuja estrutura e coesão consiste na hierarquia das forças que a constituem.²

O referido operador teórico encontra-se, nesse sentido, como aquele que apresenta um caráter referente ao declínio da sociedade de sua época e não como aquele de caráter biográfico ou hereditário³.

Uma religião decadente é aquela que se apresenta como uma versão religiosa da vontade de nada, sendo o Niilismo a sua lógica interna. Como colocado ao fim do Aforismo 6 d’ *O Anticristo*:

A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de *poder*: onde falta a vontade de poder, há declínio. Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade *falta* essa vontade – que valores de declínio, valores niilistas preponderam sob os nomes mais sagrados.⁴

A *décadence* é, antes de tudo, um declínio que se dá primordial e primariamente por intermédio de uma inversão e oposição do sentido dos valores estabelecidos. É um processo negativo, ou seja, trata-se de uma subversão de valores, um processo, mais uma vez destaque-se, que nega a hierarquia de valores estabelecida.

Observa-se uma ampliação de tal conceito que teve início e influência a partir de Paul Bourget. Para esse autor um estilo de *décadence* especificamente na literatura é

aquele em que a unidade do livro se decompõe para dar lugar à independência da página, em que a página se decompõe para dar lugar à independência da frase e a frase, para dar lugar à independência da palavra. Na literatura atual, multiplicam-se os exemplos que corroboram essa fecunda verdade.⁵

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *AC*. VI. P 12-13. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

² GIACÓIA Jr., Osvaldo. *Labirintos da Alma*. P. 20-21. 1997. Unicamp. Campinas

³ MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Décadence artística enquanto décadence fisiológica*. Trad.: Scarlett Marton. In: *Cadernos Nietzsche* 6, p. 11-12. 1999.

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *AC*. VI. P 13. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

⁵ BOURGET, Paul. In: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Décadence artística enquanto décadence fisiológica*. Trad.: Scarlett Marton

Sendo assim, a utilização do referido termo por parte de Nietzsche consiste, em sua gênese, na independência de elementos anteriormente subordinados a um todo. Vai além, no entanto, já que em seu processo de transformação negativa institui e afirma a própria negatividade como condição de preservação e crescimento.⁶

A totalidade, ou seja, as diversas e complexas formações de domínio são constituídas por intermédio de relações de força que tem por natureza vontades de poder. Se a vida é acumulação de forças e de poder, conforme colocado no aforismo 6 d' *O Anticristo*, a totalidade é “quebrada” em suas partes independentes e ao invés de acumulação de poder, tem-se o conceito de vontade de nada, em contraposição à vontade de poder fisiologicamente natural, ou seja, a *décadence* apresenta sua dinâmica interna de inversão e oposição de valores.

O aforismo que serve de mote para a presente tese é o de número 15 d' *O Anticristo*, onde se apresenta a vontade de nada⁷ intrínseca ao cristianismo paulino como uma preponderância de sentimentos de desprazer que se contrapõem às vontades de poder. No retromencionado aforismo Nietzsche afirma a incapacidade do cristianismo quanto aos pontos de contato com a realidade, oferece então, uma série de exemplos referentes à inversão e oposição de valores de uma moral e religião que se baseia em ficção. Sejam as causas e efeitos, seja a ontologia cristã, sua ciência ou psicologia, todos não passam de um mundo de ficção, ainda em pior estado que o mundo sonhado, conforme a passagem:

Esse mundo de pura *ficção* diferencia-se do mundo sonhado, com enorme desvantagem sua, pelo fato de esse último *refletir* a realidade, enquanto ele falseia, desvaloriza e nega a realidade. Somente depois de inventado o conceito de “natureza” em oposição a “Deus”, “natural” teve de ser igual a “reprovável” – todo esse mundo fictício tem raízes no *ódio* ao natural (- a realidade! -), é a expressão de um profundo mal-estar com o real... *Mas isso explica tudo*. Quem tem motivos para *furtar-se mendazmente* à realidade? Quem com ela *sofre*. Mas sofrer com a realidade significa ser uma realidade *fracassada*... A preponderância dos sentimentos de desprazer sobre os sentimentos de prazer é a causa dessa moral e dessa religião fictícias: uma tal preponderância transmite a *fórmula* da *décadence*...⁸

É, pois, essa negação de valores positivos, das vontades de poder, que caracteriza um processo de decadência, a “fórmula” apresentada é a de declínio, de mutilamento de impulsos e virtudes vitais tornando a religião que se utiliza desse artifício uma tal que necessariamente pertence àqueles

⁶ GIACÓIA Jr., Osvaldo. *Labirintos da Alma*. P. 22. 1997. Unicamp. Campinas

⁷ A despeito de esse não ser o foco do presente artigo, deve-se dar destaque ao conceito de vontade de nada que se apresenta não como uma ausência de vontade, mas antes como um querer que mesmo nada querendo ainda quer, conforme coloca Brusotti: “Neste sentido, a vontade de nada é, em todo caso, um *faute de mieux*, por falta de uma vontade melhor. Também a vontade de nada “é e permanece uma *vontade!*” (GM/GM, III, 28). O essencial é, incondicionalmente, querer. O objetivo correspondente é secundário. O nada querer é sempre ainda querer algo. O nada é, neste sentido, esse algo em última instância e, como tal, o *faute de mieux* par excellence. Através do nada, “o monstruoso vazio”, diante do qual a vontade estremece, parece “preenchido” (GM/GM, III, 28). Essencial é a dinâmica interna do querer; em comparação com ela, razão, objetivo e meios são, se não indiferentes, pelo menos secundários.” BRUSOTTI, Marco. *Ressentimento e Vontade de Nada*. Trad.: Ernani Chaves. In: Cadernos Nietzsche 8, p. 6. 2000.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. AC. XV. P 20-21. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

fisiologicamente mais fracos e menos viris.⁹

Essa vontade niilista que se apresenta no processo de decadência é, destaque-se novamente, uma negatificação da alteridade de valores positivos, tendo como conseqüência imediata e mais próxima o ascetismo. Sendo o ascetismo para Nietzsche qualquer anti-natureza, cumpre destacar que, conforme Osvaldo Giacóia: “Como fenômeno da *décadence*, a vontade ascética só pode sustentar sua própria posição e domínio por meio do aniquilamento da alteridade a que se contrapõe.”¹⁰

O Niilismo, enquanto possuidor da lógica decadente vai adiante, entretanto, já que além de uma conseqüência incontornável como o ascetismo, sua meta é a destruição do real e do existente¹¹. Tem-se então uma clara intenção proselitista no projeto geral de transformação da *décadence*. Se a lógica decadente é a de oposição e inversão de valores, a práxis revolucionária e social decorrente tem necessidade de sobrevivência.

A negação e inversão de valores é uma espécie de tentativa de viver, mesmo que de um viver degenerado, que se apresenta como fictício ou como oposto ao que é sadio. Sendo assim, a despeito da aspiração à morte, a coesão interna da lógica decadente exige a sustentação de relações de domínio pois há ainda uma natureza de vontade de poder expressa na vontade de nada.¹²

Portanto, sendo o cristianismo uma *décadence-religion*¹³, tem uma lógica interna que se apresenta como um processo conduzido pela negatividade dos valores de uma totalidade vital. No entanto, apesar de sua aspiração à inversão e oposição, seu sintoma conseqüente carrega outro subseqüente, qual seja: o proselitismo.

O proselitismo como instrumento da *décadence*

Como conseqüência da lógica interna de um movimento decadente, o cristianismo tende a uma tentativa de universalização, pois as partes da totalidade estão em constante dissensão sendo a tendência “natural” uma inversão total de todo o sistema.

Com isso, o proselitismo é conseqüência também inerente ao processo. A tentativa de conversão, ou seja, de universalização da religião cristã, com a adesão histórica de diversos outros povos é um marco ocidental inegável.

As distintas agregações que o cristianismo obteve nesse processo de conversão em massa resgatam os diversos valores decadentes espalhados em diferentes culturas dando mais força à negação da alteridade não decadente. Trata-se de um sincretismo que será tratado mais adiante, não somente de mesclagem como é o termo *stricto sensu*, mas um que também negativiza, em seu processo de assimilação, a ontologia alheia. Antes, no entanto, deve-se perpassar em análise acerca da

⁹ Idem. Ibidem. XVII. P 22.

¹⁰ GIACÓIA Jr., Osvaldo. *Labirintos da Alma*. P. 25. 1997. Unicamp. Campinas

¹¹ Idem. Ibidem. P. 33.

¹² Idem. Ibidem. P. 23.

¹³ NIETZSCHE, Friedrich. *AC*. XX. P 24. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

transformação do judaísmo em cristianismo e sua conseqüente tentativa de universalização.

A apresentação do Deus de Israel como uma espécie de projeção antropológica da nação judaica é o ponto principal de uma crítica genealógica ao cristianismo, conforme Nietzsche destaca:

Seu Javé era expressão da consciência de poder, da alegria consigo, da esperança por si: nele esperava-se vitória e salvação, com ele confiava-se na natureza, que trouxesse o que o povo necessitava – chuva principalmente. Javé é o deus de Israel e, *por conseguinte*, deus da justiça: a lógica de todo povo que está no poder e tem boa consciência.¹⁴

Um povo que se projeta, quanto a sua consciência de poder, no divino é uma conseqüência direta de uma análise *mutatis mutandis* já realizada por Xenófanes¹⁵. Ou seja, os valores naturais encontrados facilmente em diversos povos quanto à projeção divina daquilo que lhes era dado também era um fator presente no início do judaísmo.

No entanto, em prosseguimento à análise genealógica, tem-se que com a divisão do reino, o exílio assírio e após, o cativeiro babilônico, houve uma desnaturação daquilo que Nietzsche considera como valor natural. A soberania do Estado judaico restou fragilizada, a nação encontrava-se totalmente separada e engessada quanto às possibilidades políticas. Apegou-se então ao que restava: sua unidade teocrática, uma unidade, entretanto, que se preservava ainda com a distinção que mantinha uma unidade nacional, com a noção de povo eleito, conforme destaca Osvaldo Giacóia:

A renúncia à soberania do Estado compensava-se, portanto, com a preservação da qualidade de “povo eleito”, cuja identidade se afirma a partir e sobre a base de uma recusa, de um gesto fundamental de renúncia e proscricção de tudo o que não é judeu, de um isolamento obstinado, centrado sobre si mesmo, num apego exaltado às ruínas da tradição nacional.¹⁶

Os judeus não mudaram seu Deus, mudaram antes, seu conceito, desnaturando-o. Houve uma reinterpretção antinatural do divino. Javé passa não mais a ser uma expressão da essência humana, da consciência de si, mas é agora regulado pelas suas relações com o povo, uma relação caracterizada pelo comércio, pela relação desnaturada quanto ao divino: a relação entre um credor e um devedor.

O Deus sacerdotal é então apresentado. Enquanto os deuses de religiões naturais servem como espelho para um ciclo vital, Javé encontra-se como um ente metafísico transcendente e soberano, um Deus que está além da criação. O Deus de Israel não é mais o que expressa as condições de conservação

¹⁴ Idem. *Ibidem*. XXV. P. 30

¹⁵ A crítica de Xenófanes à projeção antropológica merece destaque e citação, pois a tese tem em seu cerne a caracterização do divino como a transfiguração no âmbito religioso da essência de todo um povo. Para Nietzsche, o culto a Javé era também um culto que se aproximava daqueles prestados às divindades menos “abstratas”, como as apresentadas nos cultos que glorificavam os deuses que permitiam as bênçãos na agricultura e na pecuária. Considerando-se o contexto do filósofo pré-socrático, qual seja: o de visualização de diversas religiões (egípcias, persas) tem-se uma justificativa de cunho mais histórico-cultural para a tese seguinte de Nietzsche de desnaturação dos valores naturais. Para mais informações acerca da projeção religiosa de Xenófanes sugere-se o artigo: *A projeção religiosa em Xenófanes de Colofon*. TADA, Elton Vinicius Sadao e NEWNUM, Robert Stephen. In: VI Jornada de Estudos Antigos e Medievais.

¹⁶ GIACÓIA Jr., Osvaldo. *Labirintos da Alma*. P. 56. 1997. Unicamp. Campinas

e desenvolvimento do povo, mas sim um Deus que transcende tais necessidades. É uma entidade metafísica que necessita de sacerdotes para expressar sua vontade que agora é causa suficiente para os castigos e bênçãos do povo. É nesse contexto que o judaísmo se mostrará como oposto e avesso aos valores naturais presentes em outras religiões, conforme destaca Rodrigo Rocha:

A partir de então Israel se viu reduzido a viver como um “povo santo”, isto é, sob condições exclusivas, opostas a todas as condições naturais através das quais chegara ao poder e sob as quais viviam os povos pagãos.¹⁷

Sem adentrarmos em uma análise profunda acerca da questão do sacerdote ascético como operador do movimento de decadência em Nietzsche, pode-se prosseguir a análise observando-se a desqualificação que seguiu-se ao ideal do sintoma principal da *décadence*, o ascetismo. O “povo santo”, conforme colocado na citação anterior, é agora, por inversão dos valores, aquele que nega a realidade natural, nega o “mundo”, que desvaloriza o não-hebreu em virtude de sua lógica decadente. Há assim uma desvalorização e dessacralização da natureza – ou, na linguagem eclesiástico-sacerdotal, uma “santificação” -, uma submissão por parte do povo escolhido à lógica do ator decadente chamado sacerdote.¹⁸ Este último é, então, a figura encarnada da antítese e oposição de valores naturais, conforme Osvaldo Giacóia ressalta:

Porém, para Nietzsche, Israel é também o mais funesto povo da história mundial, porque, nos termos de suas análises, o triunfo de Israel contra “o mundo” é marcado por uma inversão fatal no domínio das avaliações. Essa vitória tem como condição de possibilidade uma transfiguração valorativa de todos os mais profundos instintos de decadência, que são transpostos para o plano das supremas referências axiológicas. Por terem triunfado, os sacerdotes judeus não deixaram, porém, de representar tipos de decadência, seu triunfo significa justamente a sacralização deste tipo, constituído a partir de uma operação estrutural, reativa, de oposição, antítese, inversão de perspectivas e renegação de tudo aquilo que é diferente de si, daquilo que, em termos da dialética da decadência, pode ser considerado como o partido afirmativo da vida.¹⁹

Parece haver uma certa incoerência em um proselitismo por parte de um povo que se nega a estar em conformidade com a “ordem natural do mundo”²⁰. É essa, entretanto, exatamente uma das engrenagens do movimento decadente: sua tentativa de inversão completa de uma totalidade estabelecida, ou seja, um interesse em aplicá-lo a todos partidos de afirmação da vida, destaque-se

¹⁷ ROCHA, Rodrigo. *Sobre a história de Israel como história da desnaturação dos valores naturais em O Anticristo de Nietzsche: a propósito da influência de Julius Wellhausen*. In: Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – Vol.3 – nº1. P. 144

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *AC*. XXVI. P 33. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

¹⁹ GIACÓIA Jr., Osvaldo. *Labirintos da Alma*. P. 63. 1997. Unicamp. Campinas

²⁰ Deve-se ressaltar que a referida expressão em um primeiro momento para Nietzsche – no momento anterior à desnaturação – significa a ordem natural de causa e efeito encontrada no “mundo”, em contraposição à aceção sacerdotal onde causa e efeito ganham a conotação de recompensa e castigo, advinda da relação entre divino e homem na analogia entre credor e devedor, conforme o aforismo 26 d’*O Anticristo*.

assim:

A decadence é, para a espécie de homem que no judaísmo e no cristianismo exige o poder, apenas *meio*: essa espécie de homem tem interesse vital em tornar *doente* a humanidade e inverter as noções de “bom” e “mau”, “verdadeiro” e “falso”, num sentido perigoso para a vida e negador do mundo.²¹

O cristianismo histórico, em oposição ao cristianismo da figura que será analisada na psicologia do Redentor, é uma consequência lógica do movimento judaico, e não necessariamente um movimento de antítese, de confrontação.²²

A cristandade²³ histórico-eclesiástico, apresenta-se então como aquele conjunto de cristãos que, em continuidade ao projeto decadente, refaz todos os passos do que ocorreu no movimento judaico, inverte os valores estabelecidos “sacralizando-os” e tornando-os impuros e condenáveis, como pertencentes a um povo profanador. Tal inversão se dá agora contra a estabelecida hierarquização, tanto política quanto religiosa, e valoração judaica, havendo uma consequente reinterpretação da história de todo o passado do povo israelita.

No entanto, a oposição do movimento decadente cristão não se deu somente contra o instinto judaico, pretendeu-se a universalização. Para isso, o povo que agora era considerado impuro pelo povo judeu também o era para os cristãos, só que em um movimento de universalização nunca antes visto naquela primeira religião. A grande distinção entre o budismo e o cristianismo acerca da qual Nietzsche faz referência encontra-se nesse momento totalmente exposta. O judaísmo não obteve, em seu processo de decadência uma tentativa de universalização, de ascensão do Niilismo, tampouco uma religião analogamente decadente: o budismo. Somente com o cristianismo que a lógica decadente, e por conseguinte, o Niilismo, transformou-se em fenômeno histórico-mundial na tentativa de sistematização e universalização advinda justamente por parte do instrumento em epígrafe: o proselitismo.²⁴

Esse último instrumento é porta de entrada para a consequência principal do presente artigo, qual seja: o sincretismo. No processo de universalização do Niilismo, de expansão do cristianismo, o proselitismo, enquanto conversão necessária, ocorreu de tal maneira que o sincretismo fosse inevitável.

²¹ NIETZSCHE, Friedrich. *AC*. XXIV. P 30. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

²² GIACÓIA Jr., Osvaldo. *Labirintos da Alma*. P. 65. 1997. Unicamp. Campinas

²³ Uma importante distinção é colocada pelo tradutor Paulo César de Souza quanto aos três operadores teóricos presentes na obra *O Anticristo*. Cito a nota 43 do referido livro: “‘cristianidade’: versão literal de *Christlichkeit*, para designar a condição cristã; diferencia-se de ‘cristianismo’, que designa a fé e o movimento, e de ‘cristandade’, que remete ao conjunto de cristãos. (...)” in: NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Nota 43. P 152. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

²⁴ Idem. *Ibidem*. P. 67.

O sincretismo negativo como sintoma e instrumento de uma *décadence-religion*

A universalização do cristianismo, como tentativa desta religião decadente de se tornar uma religião hegemônica no Ocidente, teve a necessidade incontornável de mesclagem de elementos em seus cultos e ritos. Nietzsche ao fazer uma contraposição entre o cristianismo e o budismo no aforismo 22 de *O Anticristo* assevera:

O cristianismo tinha necessidade de conceitos e valores *bárbaros* para assenhorar-se de bárbaros: o sacrifício de primogênitos, o ato de beber sangue na ceia, o desprezo do espírito e da cultura; a tortura em todas as formas, físicas e não físicas; a grande pompa do culto.²⁵

Uma ascensão do Niilismo só é possível por intermédio da assimilação de diversos cultos bárbaros onde diferentes formações de agregação, sob uma operação de inversão, transformam-se em partido dominante, eliminando-se a alteridade para que haja uma universalização dos valores cristãos, esse é o projeto sumário de sistematização do cristianismo utilizando-se do proselitismo enquanto instrumento.

Deve-se ir além na análise, portanto, tendo em vista o fato de que no processo de conversão a assimilação, ou seja, o sincretismo, é também um instrumento consequente. Sincretismo aqui, assume a conotação não somente de inserções ou inovações em um determinado sistema que tem uma relação dialética com outro novo sistema no campo religioso, mas também em um campo mais amplo, ou seja, cultural e político igualmente.

Um processo sincrético é, então, aquele que se dá no interior de dois sistemas distintos quando colocados em “fricção”, em contato. O valor negativo ao qual faz-se referência no subtítulo da presente seção diz respeito à *negativização* de um dos sistemas, quanto no processo dialético, à ontologia alheia. Sendo assim, o conceito de sincretismo negativo é uma apoderação e consequente sincretização da ontologia – e tudo que ela traz no âmbito cultural quanto a ritos, cultos e hábitos – da antítese, do outro sistema de contato por parte do sistema “dominante”.

Em uma exemplificação de cunho mais antropológico pode-se citar os exemplos dados por Heine quanto à crença alemã em duendes e gnomos a despeito do estabelecido e fervoroso cristianismo ali praticado.²⁶ Ou ainda, o tratamento da religião protestante no Brasil quanto às religiões de origem africana.²⁷ Em ambos os exemplos o que se percebe é uma clara agremiação de valores alheios aos do sistema que pôs-se em contato. Para além disso, entretanto, encontra-se uma negativização de valores que são alheios aos do primeiro sistema. Sendo assim, o protestantismo não nega a existência

²⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *AC*. XXII. P 27. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

²⁶ HEINE. Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. p. 30-32. Tradução: Márcio Suzuki. 1991. Iluminuras. São Paulo.

²⁷ Um interessante estudo acerca do tema em matrizes brasileiras pode ser encontrado na dissertação de mestrado de Bruno Reinhardt com o título: *Espelho ante Espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador*

de gnomos e duendes na Alemanha, mas atribui a essas entidades um valor negativo que serve como reforço dos valores do sistema que se utiliza da lógica *décadent*. O mesmo ocorre em terras brasileiras, a religião *décadent* para manter a lógica de inversão de valores utiliza-se da negativização da mitologia africana – e todas suas religiões consequentes – para estabelecer-se no processo de inversão de valores niilistas.

Deve-se ressaltar que o conceito de sincretismo negativo aqui colocado trata-se não de uma negação no sentido de exclusão do outro, mas sim de negativização, ou seja, de atribuição de valor negativo à alteridade.

Após essa pequena digressão, voltemo-nos a Nietzsche e sua assertiva quanto ao proselitismo e expansão da cristandade:

Com a difusão do cristianismo por massas ainda mais amplas, mais cruas, as quais escapavam cada vez mais os pressupostos de que havia surgido, tornou-se mais necessário *vulgarizar, barbarizar* o cristianismo – ele absorveu doutrinas e ritos de todos os cultos *subterrâneos* do Império Romano, assim como o absurdo de toda espécie de razão doente. O destino do cristianismo está na necessidade de que sua fé mesma se tornasse tão doente, tão baixa e vulgar como eram doentes, baixas e vulgares as necessidades que com ela deviam ser satisfeitas.²⁸

A dinâmica da dialética sincrética no processo da lógica decadente de Nietzsche perpassa necessariamente por esse procedimento de assimilação positivo ao qual está agregada a própria definição de sincretismo. Entretanto, vai além disso, já que em seu processo de formação, ou seja, de inversão e oposição dos valores naturais, a religião decadente utiliza-se de um valor de negativização da alteridade ainda no processo de sincretismo.

O processo de negativização está inserido, conforme colocado na primeira seção do presente artigo, na lógica da *décadence*, o sincretismo de valor oposto ao de simples absorção faz-se presente assim, no processo de “vulgarização” e “barbarização” do cristianismo também na negativização de partes do sistema alheio.

Conclui-se assim que o processo de promoção do Niilismo como valor universal em um projeto de uma *décadence-religion*, através da elevação de um Deus que seja comum a todos, perpassa necessariamente pela utilização do proselitismo e sua consequente ferramenta: o sincretismo. Este, instrumento de grande importância, não se limita à dialética de negação da alteridade, mas também tem um valor negativo, ou seja de apresentação da alteridade como contrária, contraproducente.

28 NIETZSCHE, Friedrich. *AC*. XXXVII. P 43. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSOTTI, Marco. *Ressentimento e Vontade de Nada*. Trad.: Ernani Chaves. In: *Cadernos Nietzsche* 8, p. 3-34. 2000.

GIACÓIA Jr., Osvaldo. *Labirintos da Alma*. 1997. Unicamp. Campinas

HEINE. Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*. p. 30-32. Tradução: Márcio Suzuki. 1991. Iluminuras. São Paulo.

LÖWITH, Karl. *From Hegel to Nietzsche*. 1964. Columbia University Press. Nova Iorque.

MAGNUS, Bernd and HIGGINS, Kathleen M. (editors). *The Cambridge Companion to Nietzsche*. 2006. Cambridge University Press. Cambridge.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Décadence artística enquanto *décadence* fisiológica*. Trad.: Scarlett Marton. In: *Cadernos Nietzsche* 6, p. 11-30. 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Tradução: Paulo César de Souza. 2009. Companhia das Letras. São Paulo.

REINHARDT, Bruno M. N. *Espelho ante espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador*. 2006. 235 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006. <<http://hdl.handle.net/10482/3588>> Acesso em 30 de maio de 2012.

ROCHA. Rodrigo. *Sobre a história de Israel como história da desnaturação dos valores naturais em O Anticristo de Nietzsche: a propósito da influência de Julius Wellhausen*. In: *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – Vol.3 – nº1*. P. 138-159

TADA, Elton Vinicius Sadao e NEWNUM, Robert Stephen. *A projeção religiosa em Xenófanés de Colofon* In: VI Jornada de Estudos Antigos e Medievais.